

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E OS DESAFIOS DO ENSINO DE TEMAS TRANSVERSAIS NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA

Gabriely Kesia de Oliveira Loa ¹
Emanoel Lucas dos Santos Silva ²
Sonalia Vitoria Lourenço de Sá ³
Raquel Leão de Bastos ⁴

RESUMO

A presente pesquisa tem o objetivo de problematizar os desafios do ensino de temas transversais na modalidade voltada para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), mais especificamente na disciplina de história. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) enfrenta inúmeros desafios sobretudo quanto ao ensino de temas transversais os quais permeiam por questões, sociais, éticas e culturais podendo assim perpassa por inúmeras disciplinas, incluindo história a qual busca uma abordagem interdisciplinar com o objetivo é promover a formação integral do estudante. Nessa perspectiva, faz mister salientar alguns desafios enfrentados pelos docentes e discentes na prática do ensino dos temas transversais da disciplina de história como a ausência de acesso à informação uma vez que o docente deve encontrar meios que viabilizem a todos os alunos o acesso às informações discutidas em aula. Além do mais, a dificuldade de integrar no currículo da disciplina de história os temas escolhidos para promover análises que liguem pontos históricos com questões contemporâneas. Outrossim, a discussão de temas sensíveis exige que o docente possua uma formação contínua acerca dessas temáticas a qual viabilize tal mediação. Dessa forma, para a construção desse trabalho utilizaremos o trabalho de SILVA (2022) e FERREIRA (2022) intitulado Ressignificação do Ensino de História na EJA: guia de práticas docentes formação integral humana o qual busca articular os conteúdos programáticos da disciplina de história com questões relacionadas ao mundo do trabalho.

Palavras-chave: Ensino de Jovens e Adultos, Ensino de História, Desafios, Temas Transversais. Artigo completo, Normas científicas, Congresso, Realize, Boa sorte.

INTRODUÇÃO

O século XIX marca o nascimento da História enquanto uma ciência, nesse momento apontava as teorias, os métodos, os discursos, os objetos de análise da historiografia entre outros. Enquanto componente curricular a História fundamentava-se na corrente positivista a qual defende uma visão linear dos acontecimentos históricos, não problematiza, mas atribui as grandes personalidades os chamados “grandes feitos” os quais permearam por muito tempo a

¹ Graduanda do Curso de História da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, gabriely.kesia@estudante.ufcg.edu.br;

² Graduando do Curso de História da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, emanoel.lucas@estudante.ufcg.edu.br;

³ Graduada pelo Curso de Filosofia da Faculdade Católica da Paraíba – FAFIC, sonaliavitoria81@gmail.com.;

⁴ Orientadora: Raquel Leão de Bastos: Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, leaodebastos@gmail.com.;

produção historiográfico. Tal fato, fez com que se perpetuasse a ideia de que o processo de ensino-aprendizagem da disciplina de História pautava-se no “decoreba”.

A diante um empecilho quando pensamos na construção de um conhecimento onde os alunos são protagonistas e não meros receptores de informação. Vale ressaltar que, essa problemática tende a se tornar mais grave quando analisada no campo voltado para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos em virtude de preconceitos e estereótipos que ainda persistem em existir.

Existem fatores culturais importantes que determinam a impossibilidade de existência de uma relação direta entre informação-mudança de atitudes; é fundamental considerá-los na prática de ensino e aprendizagem de valores. É necessário atentar para as dimensões culturais que envolvem as práticas sociais. As dimensões culturais não devem ser nunca descartadas ou desqualificadas, pois respondem a padrões de identificação coletivos que são importantes. Eles são o ponto de partida do debate e da reflexão educacional. (Silva, Maria Henrique Bastos da; Ferreira, Maria José Resende, 2022, p. 34)

A partir dessa perspectiva, buscamos desenvolver neste trabalho a importância e os desafios enfrentados quanto ao ensino de temas transversais na disciplina de História na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Uma modalidade que atende aqueles que estão fora da faixa etária e que na maioria das vezes conciliam o trabalho, a família e a escola traçando assim uma jornada de inúmeros desafios quanto a permanência destes na escola e a construção de uma prática educativa na qual o aluno seja um protagonista e não um mero receptor de informações visando torna-lo um agente de transformação da realidade que o cerca.

Além disso, tanto os conceitos e procedimentos quanto as ações pedagógicas mobilizam afetos dos educadores e dos alunos que se manifestam por meio de preferências e rejeições pelos diferentes conteúdos escolares. Daí a necessidade de se levar em conta os conhecimentos (e sentimentos) prévios dos alunos em relação aos conteúdos eleitos para o ensino. (Silva, Maria Henrique Bastos da; Ferreira, Maria José Resende, 2022, p. 35)

Dessa forma, acreditamos que os ensino de temas transversais são importantes ferramentas na desconstrução de estigmas e preconceitos. Para isso, utilizamos trabalhos que nos ajudaram a refletir a problemática os quais convém citar: Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), o trabalho de Silva (2022) e Ferreira (2022) intitulado Ressignificação do Ensino de História na EJA: guia de práticas docentes formação integral humana entre outros.

A HISTÓRIA ENQUANTO COMPONENTE CURRICULAR

A História enquanto ciência surgem em meados do século XIX na Europa e mais especificamente na França. Neste momento, a História separe-se dos fundamentos filosóficos com intuito de possuir os seus próprios métodos e objetos de análise e assim consolidar enquanto ciência.

A ciência moderna se desenvolveu e consolidou ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, tratou-se de um conhecimento obtido de forma natural, independente e desarticulado das dimensões sobrenaturais, mitológicas, mágicas e/fantásticas da realidade. É quando se acentua o distanciamento entre o campo da fé, do espiritual, do religioso, do sagrado e do eterno (poder invisível) e o campo do temporal, do método, do racional, do profano e do leigo (poder visível). (Santos, Paulo César dos; Fachi, Graciela Márcia; Silva, Thiago Rodrigo, 2016, p.5)

Nesse contexto, a concepção de ciência foi alvo de críticas por parte de diversos estudiosos, que consideravam incorreta a sua constituição devido ao distanciamento dos fundamentos religiosos. Desse modo, debatiam-se teorias, paradigmas e métodos para a prática historiográfica. No âmbito educacional, a História baseou-se na corrente positivista, direcionando sua atenção para os grandes feitos e, conseqüentemente, marginalizando aqueles considerados periféricos na produção historiográfica, especialmente quando se pensa na historiografia escolar.

A história construída por uma dada sociedade acerca dela mesma e de seus pares guarda forte relação com a história ensinada em sala de aula, momento inicial da formação social histórica dos indivíduos. Á vista disso, essa história ensinada muda consoante as transformações do saber e das ideologias dominantes. Mais de perto, as mudanças são pautadas nas alterações da função da história na sociedade. (Ferro, 1983, p.11 apud Mathias, Carlos Leonardo Kelmer, 2011, p.41)

Nessa perspectiva, a História enquanto disciplina escolar buscava cumprir a sua função social de acordo com as exigências que os novos contextos colocavam em xeque. Durante muito tempo a História foi o campo de saber o utilizado para a transmissão de valores morais e cívicos com intuito de despertar o ideal de identidade nacional a partir da história dos símbolos de uma nação, dos valores sociais entre outros. Assim, o ensino da disciplina de História sobretudo no

ensino básico foi durante muito tempo apenas mera transmissão de conteúdos sem a real problematização destes.

Muitas propostas de escolarização mantêm ainda uma forte estrutura fordista, no sentido de que seu modo de funcionamento se assemelha ao da cadeia de montagem de uma grande fábrica. Assim, os alunos/as se posicionam de forma fixa em sua carteira e diante deles/ as vão passando diferentes matérias e professores/as a um determinado. (Santomé, Jurjo Torres, 1995, p. 160)

Dessa forma, o processo de ensino-aprendizagem vive a lógica da transmissão e do recebimento do conhecimento. Tornando os alunos seres passivos os quais não participam de forma ativa da construção do conhecimento mais especificamente do conhecimento histórico que nesse caso mais se assemelha a uma linearidade de acontecimentos que estão distantes da realidade dos alunos.

Essa realidade tende a se tornar mais grave quando pensamos no ensino de História direcionado a modalidade de Educação para Jovens e Alunos o qual ainda se constitui um campo marginalizado quando refletimos acerca dos processos educativos que permeiam esses espaços.

Isso tanto professores como os alunos carregam estereótipos que apontam a EJA como um campo inferior aos demais fato que visa transformar o processo educativo de ensino-aprendizagem dessa modalidade em algo simplório que na maioria das vezes silencia ou negligencia discussões que visam a construção de conhecimento crítico de uma determinada temática,

A ação educativa pretende, portanto, além de desenvolver capacidades para a tomada de decisões, propiciar aos alunos e as alunas e ao próprio professora uma reconstrução refletiva e crítica da realidade, tomando como ponto de partida as teorias, conceitos, procedimentos e costumes que existem nessa comunidade os quais deve facilitar o acesso. (Santomé, Jurjo Torres, 1995, p.160)

Assim, convém a comunidade escolar volta prioritariamente a atenção para os conceitos culturais os quais estão relacionados com o contexto dos alunos assim como desenvolver estratégias de ensino que torne viável a realização de um trabalho educativo que vise formar cidadãos críticos que atuam como agentes na transformação da realidade que vivenciam.

O ENSINO DOS TEMAS TRANSVERSAIS NA MODALIDADE EJA ENTRE AS ORIENTAÇÕES CURRICULARES E A PRÁTICA DOCENTE

De acordo com os parâmetros os temas de caráter transversal têm o objetivo de aproximar os conteúdos trabalhados pelo professor na sala de aula a realidade do aluno. Em virtude disso, os PCN's destacam 5 (cinco) eixos temáticos são eles: ética, pluralidade cultural, orientação sexual, saúde e meio ambiente os quais devem ser trabalhados na educação básica a partir da lógica da transversalidade e a interdisciplinaridade.

Todavia, apesar de possuir caráter legal através das PCN's o ensino de temas transversais na educação básico e sobretudo na Educação de Jovens e Adultos ainda enfrenta sérios desafios para a sua realização e consolidação. A maioria dos currículos e da própria historiografia escolar ainda carregam em seus fundamentos o euro centrismo colocando em segundo plano o ensino de temas transversais.

A histórica negação de uma proposta de educação escolar laica, de qualidade e libertadora, além de dificultar o acesso, também compromete a permanência e o êxito de milhões de estudantes, em especial, os trabalhadores que ainda insistem na luta pela educação escolar como direito, por meio da EJA, enquanto modalidade da educação que perpassa todos os níveis da Educação básica e como área do conhecimento em construção (Silva, Maria Henrique Bastos da; Ferreira, Maria José Resende, 2022)

Além do mais, quando um professor propõe trabalhar determinada temática que esteja fora do conteúdo programático, a exemplo das temáticas voltadas para as questões de saúde pública e as orientações sexuais às quais podem ser analisadas a partir de uma perspectiva de gênero para assim compreender as relações de poder que permeiam sociedade e as instituições a exemplo da escola e do hospital vistos como lugares que se articulam a partir da lógica do saber-poder.

Dessa forma, a prática docente no ensino de temas transversais encontra na maioria dos casos uma série de impasses como a ausência de um material pedagógico e didático direcionada a modalidade em questão bem como falta de incentivo da equipe que forma o ambiente escolar. O que leva muitos professores desistirem de projetos que viabilize o ensino de temas transversais.

Além do mais, a própria sociedade propaga uma visão errônea da escola ao coloca-la como um lugar que aprende as normativas e as técnicas de cada área do conhecimento fato que

provoca a resistência sobretudo quando pensamos nas relações entre família e escola quando ela se propõe discutir temáticas sensíveis como pluralidade cultural e as relações de gênero.

A escola deve procurar sua inserção na comunidade da qual faz parte por meio de atividades curriculares relacionadas á vida diária , ao ambiente natural e social , á vida política e cultural e ás condições materiais dos educandos e da comunidade. (Brasil, 2011, p.35)

Fato que reforça á importância de trabalhar em sala de aula os ditos temas de caráter transversal, a exemplo, da ética, meio ambiente, pluralidade cultural, orientação sexual e saúde como recomendado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Isso ao adotar às discussões de tais problemáticas no ambiente escolar o professor viabiliza o processo de construção da consciência crítica do educando fato que facilita sua inserção na comunidade como a gente de transformação social.

A inclusão dos Temas Transversais exige a tomada de posição diante de problemas fundamentais e urgentes da vida social. (Silva, Maria Henrique Bastos da; Ferreira, Maria José Resende, 2022, p. 33). Dessa forma, compreendemos que o ensino de temas transversais pode corroborar com a resolução de impasses que perpassam o cotidiano dos brasileiros como a questão do alto índice de violência doméstica e feminicídio que afeta sobretudo as mulheres.

Tais questões podem ser trabalhadas com os alunos a partir da possibilidade de discutir e pensar as problemáticas que estão em torno das relações de gênero. No caso da disciplina de História, pode-se trabalhar tais conceitos pensando a forma como a sociedade foi estruturada, marcada pelo patriarcado o qual por muito impossibilitou que mulheres pudessem ter o seu lugar de fala na sociedade e normatizou determinados comportamentos sociais ao colocar a mulher na posição de submissa em relação ao seu marido e em muitos casos considerar o divórcio uma desonra já que o casamento representava na maioria dos casos uma espécie de “passaporte social” que dava as mulheres certa legitimidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar esta análise, é crucial ressaltar que a prática docente enfrenta uma pluralidade de desafios diários, sendo que optamos por concentrar nossa reflexão nas complexidades inerentes ao ensino da disciplina de História, notadamente na modalidade da

Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esta abordagem educacional, destinada a um público que ultrapassa a faixa etária convencional, apresenta desafios específicos que demandam uma consideração cuidadosa.

Não podemos ignorar as numerosas barreiras que afetam a permanência desses alunos na escola, e estas frequentemente se entrelaçam com outras problemáticas, como a exaustiva rotina que envolve trabalho, família e estudo. A complexidade aumenta substancialmente quando os alunos, ao adentrarem a escola, deparam-se com um currículo defasado, permeado por temas e conteúdos que não refletem adequadamente sua realidade política, econômica e social.

A conjunção desses desafios cria um ambiente desafiador para educadores e estudantes, destacando a necessidade premente de uma abordagem pedagógica que vá além das limitações convencionais. A falta de conexão entre o currículo e a vivência cotidiana dos alunos não apenas mina o interesse pela disciplina de História, mas também compromete a eficácia do processo educacional como um todo.

Além disso, a discrepância entre o conteúdo proposto e a realidade dos alunos dificulta a construção de um conhecimento significativo e contextualizado, capaz de proporcionar a autonomia tão necessária para o desenvolvimento pleno dos educandos na modalidade EJA. Assim, urge a necessidade de estratégias pedagógicas inovadoras que possam superar esses obstáculos e estabelecer uma ponte entre o passado histórico e o presente vivencial dos alunos.

Diante desse cenário desafiador, propomos que a educação na EJA, especialmente na disciplina de História, seja repensada e enriquecida por meio da incorporação de abordagens interdisciplinares, métodos participativos e conteúdos que dialoguem diretamente com as experiências e contextos de vida dos estudantes. Somente dessa forma será possível não apenas mitigar as taxas de evasão e desinteresse, mas também instigar uma transformação efetiva na percepção do aprendizado histórico, promovendo, assim, uma educação mais inclusiva e alinhada com as necessidades e realidades do público atendido pela EJA.

O ensino e a aprendizagem que ocorrem nas salas de aula representam uma das maneiras de construir significados, reforçar e confortar interesses, formas de poder, de experiência que tem sempre um significado cultural e político. Nesse âmbito, algo que dificilmente se encontra presente é o que chamamos de cultura popular e, particularmente o que se tem denominado de culturas juvenis em geral podemos considerar essas culturas como formas de vida, como ocupações e produtos que envolvem a vida dos alunos que estão fora das escolas. São essas formas culturais que melhor traduzem os interesses,



preocupações, valorações e expectativas da juventude, as que nos permitem descobrir o verdadeiramente relevante da sua vida. (Santomé, Jurjo Torres, 1995, p.166)

Assim, a ausência de temáticas que estejam distantes da realidade dos alunos provoca desinteresse por parte de alunos e professores. Tornando ainda mais difícil a construção de um conhecimento que proporcione ao aluno a autonomia necessária quanto pensamos no ensino e aprendizagem desses educandos.

Por isso, como meio de evitar altos índices de evasão e falta de interesse dos alunos sobretudo quando pensamos na disciplina de História onde a maioria dos assuntos não estão relacionados com o cotidiano dos alunos acreditamos que os temas transversais desempenham um papel de suma importância quanto a correlação dos conteúdos ministrados em sala de aula e a realidade social, política e econômica dos alunos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Escola Ativa: Projeto Base, V.2, Brasília, **Apoio**, 2010.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **As culturas negadas e silenciadas do currículo**,1995.

SILVA, Marcos Henrique Bastos da; FERREIRA, Maria José de Resende. Resignificação do Ensino de História na EJA: guia de práticas docentes para a formação humana integral, V.1, Vitória, **Edifes Acadêmico**,2022.